



A VIVÊNCIA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DA CARTOGRAFIA ESCOLAR

EXPERIENCE AS A METHODOLOGICAL INSTRUMENT OF SCHOOL CARTOGRAPHY

Daniel Luiz Poio Roberti¹

<https://orcid.org/0000-0001-6865-3700>

Carlos Marclei Arruda Rangel²

<https://orcid.org/0000-0003-0523-4562>

Resumo

O artigo se propõe a discutir o conceito de vivência nas obras de Vigotski. Esta palavra é uma tradução da língua portuguesa para o vocábulo russo *perejivanie*. Acreditamos que a geografia pode se apropriar desse conceito no desenvolvimento de uma metodologia para a cartografia escolar. Defendemos o mapa na perspectiva da ferramenta cultural cujo princípio seria mediar a relação do homem com a natureza, compreendendo que esta relação é carregada de cultura e historicidade num cenário de permanente criação. Trabalhamos com a metodologia dos mapas vivenciais para mapear a relação do sujeito com o meio, entendendo que esta relação forma uma unidade, pois todo aluno estuda em determinado lugar que o constitui enquanto cidadão.

Palavras-chave: Vivência, teoria histórico-cultural e cartografia escolar.

Abstract

The text proposes to discuss the concept of experience in the works of Vygotsky. This word is a translation from the portuguese language to the russian word *perejivanie*. We believe that geography can appropriate this concept in the development of a methodology for school cartography. We defend the map in the perspective of the cultural tool whose principle would be to mediate the relationship between man and nature, understanding that this relationship is charged with culture and historicity in a scenario of permanent creation. We work with the methodology of experiential maps to draw the relationship of the subject with the environment, understanding that this relationship forms a unit, since every student study in a certain place that constitutes him as a citizen.

Keywords: Experience, historical cultural theory, and school cartography.

¹ Atualmente é Professor Adjunto I na cadeira de Fundamentos da Educação no curso de Geografia do Instituto de Educação de Angra da Universidade Federal Fluminense situado no Campus de Angra dos Reis (UFF/IEAR).

² Atualmente é Professor Adjunto I na cadeira de Geografia Física do curso de Geografia do Instituto de Educação de Angra da Universidade Federal Fluminense situado no Campus de Angra dos Reis (UFF/IEAR).

INTRODUÇÃO

Lev Semionovich Vigotski foi um importante psicólogo bielorrusso que nasceu em 1896 e morreu em 1934. Ele fez parte de um grupo, ao lado dos intelectuais soviéticos, A. R. Luria e A. N. Leontiev, que fundaram a teoria histórico-cultural. Estes pesquisadores buscaram unir a ontogênese e a filogênese numa mesma escala histórica, ou seja, para eles, o desenvolvimento histórico humano não pode vir desassociado de o seu respectivo devir biológico. Esta introdução é uma breve apresentação sobre a vida e obra de Vigotski, que poderia ter sido tirada dos mais de 860,000 verbetes do *google* em que aparece o nome deste autor. Mas acreditamos que poucas pessoas sabem sobre os pormenores acadêmicos da vida desse relevante intelectual bielorrusso. Os textos de Vigotski foram proibidos no seu país de origem por mais de 20 anos. A sua primeira reedição estrangeira aconteceu nos EUA, durante a Guerra Fria e talvez, por isso, o seu pensamento tenha sido tão lido, debatido e censurado no mundo ocidental capitalista.

Após mais de 80 anos depois da morte de Vigotski, o grande público de intelectuais, seja do campo da psicologia ou mesmo da educação, fica com a sensação de desconhecimento sobre pensamento desse autor. Talvez, devido aos problemas de tradução dos seus textos do russo para outras línguas, ainda mais no momento cuja grande parte das edições estrangeiras dessas obras aconteceu durante a disputa ideológica entre EUA e URSS. Mesmo em seu país, a produção científica de Vigotski foi retaliada pelo governo de Joseph Stalin. Hoje em dia, ainda há obras de Vigotski que não foram publicadas em russo e cerca de dez volumes que serão traduzidas em diversas línguas.

O nosso processo de pesquisa para a construção deste ensaio pode ser dividido em duas partes. A primeira parte pretende discutir os conceitos de *perejivanie* (vivência em português) e *opit* (experiência em português) e suas traduções do russo para o português. A segunda parte do texto é dedicada a apresentar uma metodologia de pesquisa no campo da cartografia escolar baseada no conceito de vivência, inspirado no pensamento de Lev Vigotski e na teoria histórico-cultural.

AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES DE VIGOTSKI NO MUNDO E NO BRASIL

As obras de Vigotski foram censuradas pelo governo de Stalin dois anos após sua morte. As suas pesquisas foram reeditadas na URSS e ao mesmo tempo nos EUA, no ano de 1955. A primeira edição de um livro de Vigotski, fora da URSS, foi no Japão, em 1962, sob o título *Shiko to genko* (VIGODSKAIA e LIFANOVA, 1996, p.411, apud PRESTES, 2010, p.65); no mesmo ano em que foi lançado *Thought and language* (WILEY, New York e London, XXI – 168 p., 1962, apud PRESTES, 2010) nos EUA.

No Brasil, o pensamento de Lev Semionovich chega primeiro através de pesquisadores brasileiros que os citam a partir da obra *Michlenie i retch*, editada nos EUA (WILEY, New York e London, XXI – 168 p., 1962) e em Portugal (Editora Antídoto, 1979, citada por PRESTE, 2010) no ano de 1979. Mas a primeira edição brasileira de um livro de Vigotski aconteceu somente no ano de 1987. Ele foi traduzido por Jefferson Luiz Camargo da versão inglesa de *Michlenie i retch* para o português. A obra recebeu o título no Brasil de *Pensamento e Linguagem*. A professora Zoia Prestes (2010, p. 67) comenta que a edição de 1987 cometeu uma “violência com a produção científica de um pensador” e talvez pode ser considerada uma das maiores “agressões” sofridas por uma obra de Vigotski.

O livro *Pensamento e Linguagem* de 1987 sofreu uma série de modificações em seus capítulos, com supressão de citações, capítulos e páginas inteiras retiradas pelos editores. Prestes chega a denunciar uma certa censura num capítulo especial em que Vigotski tece críticas a Jean Piaget sobre os problemas do pensamento e da fala na infância. O capítulo original do russo tinha 54 páginas e a versão inglesa ficou com apenas 19 páginas. Os comentários de Piaget, que aparecem na obra em russo, desapareceram na tradução para o inglês. Lembramos aos leitores que o cenário político de produção desses dois autores era o de Guerra Fria, de intensa disputa ideológica entre as potências estadunidense e soviética pela hegemonia não só no campo econômico e militar, mas também na produção das ideias. Os estudos de Jean Piaget ficaram muito associados ao mundo capitalista e os de Lev Vigotski ao socialismo.

O professor Newton Duarte, que faz parte de um grupo de críticos das traduções e apropriações indevidas do pensamento de Vigotski no Brasil, fez uma interessante observação sobre o momento de produção e a atualização do pensamento do escritor soviético:

[...] Se as “discussões polêmicas” foram consideradas de “pouco interesse para o leitor contemporâneo, então a cada nova edição o texto de Vigotski deveria ser “atualizado”? Os textos de todos os autores clássicos, de séculos passados, deveriam ser atualizados constantemente? O leitor não tem o direito de decidir por si mesmo o que lhe interessa ou não no texto de um determinado autor? (DUARTE, 2004, apud PRESTES, 2010, p. 68).

A produção científica de Vigotski sofreu deturpações e censuras em diversas línguas em que suas obras foram traduzidas, mesmo em seu país de origem, seus trabalhos foram proibidos por mais de 20 anos.

EXPERIÊNCIA E/OU VIVÊNCIA EM VIGOTSKI³

A nossa pesquisa se preocupou em compreender os conceitos de experiência e vivência nas obras de Vigotski; para isso os textos e livros da sua bibliografia mais consultados foram: *Voobrajenie e tvortchestvo v detskom vozraste* (Imaginação e criação na infância, 2009), *Etiudi po istorii povedenia. Obeziana, Primitiy. Rebionok* (Estudos sobre a história do comportamento. O macaco. O primitivo. A criança, 1996), *Krizis semi liet* (A crise dos sete anos, 2006a), *Psirrologiia iskusstva* (Psicologia da arte, 1999) e *Problema sredi v pedologuii* (Quarta aula: a questão do meio na pedologia, 2010). Para entendermos a complexidade de “experiência” e “vivência” no pensamento de Vigotski, acreditamos na premissa que podemos estudar, ao mesmo tempo, os conceitos vigotskianos de material e forma.

Vigotski, no livro *Psicologia da Arte* (1999), discute a relação entre material e forma⁴ nos diversos gêneros literários. Os dois conceitos são elementos básicos que se encontram dentro da produção literária. Segundo o professor bielorrusso, “material” é um conceito que serve como base, estrutura ou suporte para a atividade criativa. O escritor de obras literárias usa as relações cotidianas, experiências e o ambiente social, ou seja, o que existia antes da sua criação artística e vai continuar existindo independente dela (VIGOTSKI, 1999). A “forma” tem a ver com o ato

³ O termo vivência (em russo *perejivanie*) foi traduzido no Brasil pelo professor Paulo Bezerra (2001) como emoção e sentimento e em inglês por *experience* (em português experiência) (MINICK, 1987).

⁴ Vigotski usa os termos fábula e enredo como sinônimos, respectivamente, de “material” e “forma” ao longo do livro *Psicologia da arte* (1999).

criativo do narrador de organizar esse “material” com a intenção de provocar uma reação estética no leitor.

Não é à toa que Vigotski defende o protagonismo da criação artística em relação ao usuário e do próprio autor da obra de arte. Para isto, ele coloca em relevo as palavras mínimo e forma ao longo da sua pesquisa. Vigotski (1999, p.42) elucidou a relação entre mínimo e forma quando disse que

[...] a diferença entre um regente genial e um medíocre na execução da mesma peça musical, a diferença entre um pintor genial e um copiadador absolutamente preciso de seu quadro resume-se inteiramente a esses elementos infinitamente pequenos da arte, que pertencem à correlação dos seus componentes, isto é, aos elementos formais. A arte começa onde começa o mínimo, e isto equivale a dizer que a arte começa onde começa a forma.

Portanto as palavras mínimo e forma são usadas como sinônimas no livro *Psicologia da arte* (1999)⁵. Elas são categorias que se sobressaem na análise da produção artística. Toda a criação na arte tem uma estrutura e uma lógica própria que a explica. Vigotski, com o uso dessas categorias, afirma que os artistas e os apreciadores de arte compartilham dos mesmos acontecimentos sociais e contexto histórico da produção artística, por isso ele defende que a obra de arte ganha vida e se desprende do processo criativo.⁶

Perejivanie (em português, vivência) é uma palavra relevante para a teoria histórico-cultural. Há relatos (PRESTES, 2010) que este conceito científico provocou um embate epistemológico entre Vigotski e Leontiev e. Vigotski (1999, p.686) definiu vivência como:

[...] uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência.

A leitura que Leontiev (2007) fez do conceito de *perejivanie* leva a crer que o pensamento de Vigotski segue uma base epistêmica interacionista. A. N. Leontiev acredita que o ambiente social e as peculiaridades do indivíduo entram em interação, mas mantém uma relação de

⁵ Neste livro aparece uma história narrada pelo escritor russo Tolstói sobre o pintor, também russo, Briulov que nos ajuda a entender a relação do “mínimo” na obra de arte: “ao corrigir o estudo de um aluno, Briulov deu um leve toque em algumas partes, e o estudo ruim e morto de repente ganhou vida. Vejam bastou um mínimo toque e tudo mudou, disse um dos alunos. A arte começa onde começa esse mínimo, disse Briulov.” (VIGOTSKI, 1999, p.41)

⁶ Vigotski, ao longo do livro, explica que o processo de criação artística envolve o que chamou “o social em nós”, ou seja, o artista e o apreciador da produção artística compartilham o contexto histórico e social da produção artística. Vigotski propôs estudar a fábula em sua pesquisa e identificou algumas características gerais que sempre aparecem neste gênero literário. Por exemplo, o fabulista (artista) escolhe determinado animal como personagem na história, a partir de suas características psicológicas. A raposa é considerada um animal astuto e rápido, enquanto o corvo é identificado como um bicho de aspecto desagradável. A fábula só tem a capacidade de contar o seu enredo, porque o autor e o seu leitor já conhecem esses perfis psicológicos previamente. A força da fábula se encontra na falta de necessidade em explicar as características comportamentais dos “personagens-animais” literários.

independência um com outro. Acreditamos que Vigotski não entendia *perejivanie* dessa forma e o cerne da questão, para a compreensão desse conceito, passa pela tal relação, antes descrita, de independência entre ambiente social e particularidade do sujeito. Unidade é um dos conceitos-chave do pensamento de Vigotski. Unidade é um conceito que se relaciona diretamente com o de *perejivanie* e nos ajudou a compreender uma certa contradição na crítica de Leontiev à Vigotski.

[...] Pero precisamente a causa de que la personalidad representa una unidad y actúa como un todo único, destaca desigualmente en el desarrollo unas u otras funciones, diversas y relativamente independientes entre sí. Estas tesis – la diversidad de funciones relativamente independientes en el desarrollo y la unidad de todo el proceso de desarrollo de la personalidad – no solo no se contradicen, sino, como demostró Stern, se condicionan mutuamente. [...] Lo mismo que la personalidad, el intelecto representa, sin duda alguna, un todo único, pero una unidad estructural homogénea y simples, sino diversa e compleja. (VIGOTSKI, 1983, pp. 23-24).

Neste trecho, Vigotski explica a relação simples e ao mesmo tempo diversa entre a construção da personalidade e o desenvolvimento das funções motoras do corpo. Assim como unidade, vivência é esse todo único, homogêneo; mas complexo e independente entre si. Vivência é essa relação de unidade, ao mesmo tempo independente e inseparável do sujeito e do meio social. Acreditamos que não seja uma relação de interação, como afirmava Leontiev; porque não existe meio em absoluto, sem a presença do indivíduo que o interprete (PRESTES, 2010).

Perejivanie e unidade são conceitos que devem ser discutidos conjuntamente, assim como o de forma que, como já dissemos faz parte do pensamento vigotskiano. Acreditamos que a vivência (ou forma) é o uso conscientemente da “experiência” (ou material), acumulada pelo sujeito, como ato criativo do novo no mundo. Agora, aprofundaremos o conceito de “experiência” em Vigotski.

Opit (em português experiência) é uma palavra completamente diferente que *perejivanie* em russo. O professor Holbrook Mahn (2007, apud PRESTES, 2010) discute que não existe uma palavra em inglês que possa traduzir *perejivanie*, mas *opit* pode ser vertido do russo para o inglês com o uso da palavra experience.

Opit é um conceito do campo da psicologia que não foi criado pelo Vigotski. O professor soviético discute um pouco esse termo em sua obra *Pedagoguitcheskaja psirrologuia* (Psicologia Pedagógica, 2004). É um livro em que o autor bielorrusso propõe estudar a psicologia em meio às práticas educacionais que contribuiriam para o desenvolvimento de uma nova sociedade socialista soviética. Vigotski discute o surgimento da psicologia positivista contrária às propostas teóricas da psicologia metafísica. A psicologia positivista ou empírica se baseava na experiência.

A professora Zoia Prestes (2010) aponta que no livro *Imaginação e Criação na infância*, Vigotski discute a importância da brincadeira para a criança, pois segundo ele, é nesta situação que a criança aprende as regras sociais que estão presentes na vida real. Quando a criança brinca de imitar um adulto, ela não reproduz por completo cada ato, comportamento e atitude deste adulto. A criança cria, numa brincadeira de imitar. Ela coloca a sua marca de criação, combinando situações da realidade e sua experiência. A palavra experiência aparece novamente na teoria de Vigotski. Mas que experiência é essa que o autor fala?

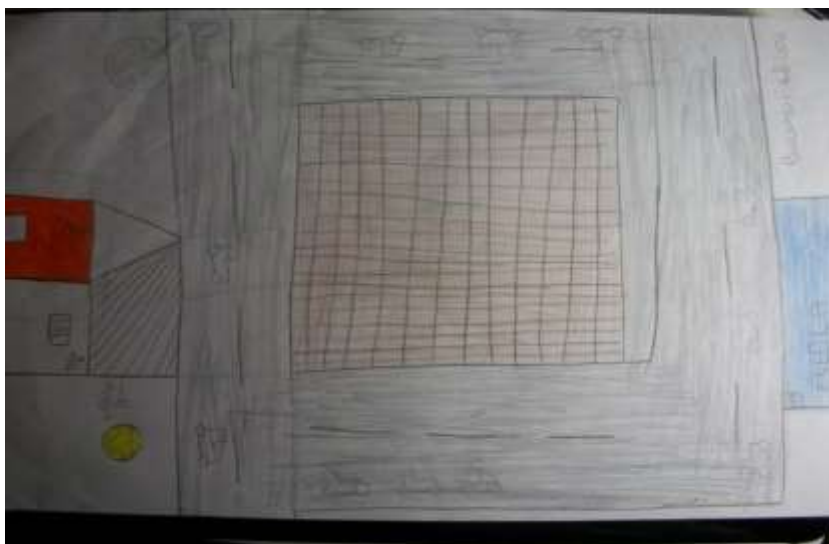
Acreditamos que o conceito de “experiência”, dentro do pensamento de Vigotski, leva em conta o processo de quantificação numa escala linear de amadurecimento do indivíduo ao longo do seu processo histórico. A experiência é uma atividade acumulativa em que o sujeito mais experiente é aquele que está mais avançado (mais velho) nas fases do desenvolvimento humano. O conceito de experiência pode ser vinculado ao de material. Para Vigotski, material é um dos suportes que constituem a atividade de criação humana. Assim como experiência, material fornece subsídios sociais para a criação humana. A partir desses elementos da história pregressa do homem, o indivíduo aumenta a sua gama de possibilidades de interpretar, combinar e criar algo novo no mundo.

VIVÊNCIAS E OS MAPAS

A cartografia escolar é um campo do conhecimento que se encontra suscetível às influências epistemológicas da educação, geografia e da psicologia. Um dos eixos temáticos de estudo da cartografia escolar são as práticas de pesquisa e metodologias de ensino do mapa, enquanto formas de representação espacial da sociedade.

Um dos métodos utilizados pela cartografia escolar para verificar o desenvolvimento espacial do sujeito é pedir para o mesmo que realize o desenho de um mapa. Alguns pesquisadores chamam essa metodologia de mapa mental (GOODNOW, 1979). Chegamos a trabalhar com a metodologia de mapas mentais na escola básica e observamos a dificuldade de alguns jovens para coordenarem os diferentes pontos de vistas. O mapa mental, presente na figura 1, demonstra a dificuldade do jovem em coordenar a perspectiva frontal (a casa aparece rebatida na imagem) e vertical (a rua) num mesmo plano. É importante que o aluno consiga controlar os diferentes pontos de vistas, porque o mapa oficial é formado apenas pela perspectiva vertical.

Figura 1- Mapa mental desenvolvido por um jovem, com aproximadamente 12 anos, que cartografou o itinerário da sua casa até a escola.



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores com autorização de uso do autor do documento

A estratégia teórico-metodológica do mapa mental foi desenvolvida com o objetivo de cartografar o mundo humano, fugindo das relações racionalistas que marcavam os diversos campos do conhecimento científico no período entre o final do século XIX e início do século XX.

Os principais conceitos dessa teoria são o de espaço vivido (FREMÓNT, 1976) e o de lugar (TUAN, 1980). Estes conceitos contribuíram para o entendimento do modo como os sujeitos interpretam e internalizam o mundo. Os mapas são analisados e categorizados a partir da intenção de pesquisa do investigador. Neste mesmo contexto, surgem os mapas narrativos trazendo mais uma forma de entender como o sujeito pensa o mundo surgiram.

Os mapas narrativos apresentam como conceito-chave o mundo vivido e o principal movimento que influenciou essa metodologia foi a fenomenologia (SCHUTZE, 2003). Os mapas narrativos fazem parte de uma estratégia de pesquisa também conhecida como etnografia visual em que o procedimento de coleta de dados prevê o uso das técnicas de desenho e narração, simultaneamente, pelo sujeito-alvo do estudo. A forma de tratamento dos resultados se assemelha aos dos mapas mentais cujo pesquisador se torna o responsável pela interpretação e classificação das informações.

Os pesquisadores participantes do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância⁷ desenvolveram a metodologia dos mapas vivenciais no final dos anos 2000. A metodologia dos mapas vivenciais se baseou na teoria histórico-cultural, principalmente, nos conceitos de vivência e reelaboração criadora que aparecem em obras diversas de Lev Vigotski (2006a, 2006b, 2009). A teoria histórico-cultural surgiu nos anos 30 do século passado, a partir de um grupo de pesquisadores soviéticos, do qual Vigotski fazia parte, que buscaram “(...) reunir num mesmo modelo explicativo, tanto os mecanismos subjacentes ao funcionamento psicológico como a constituição de sujeito e da espécie humana ao longo de um processo histórico-cultural.” (OLIVEIRA, 2005, p. 8).

Vigotski defendia que os movimentos epistemológicos de matrizes no racionalismo cartesiano, no interacionismo e na fenomenologia subjetiva não davam conta de discutir como o sujeito compreende o mundo, porque todos eles de certa forma separam a pessoa do próprio meio. Vigotski acredita que toda a produção humana advém da relação de unidade entre o sujeito e o mundo. (VIGOTSKI, 2010).

Fato esse, que pode ser complementado pelo conceito de reelaboração criadora cuja principal fonte de inspiração de Vigotski foi o pensamento de Marx (1969, p. 38): “Homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. Marx e Vigotski defendiam a mesma tese: o desenvolvimento da história pregressa do homem. O sujeito, que é sempre atravessado pela história, amplia as suas possibilidades de interpretar, combinar e criar algo novo no mundo. (VIGOTSKI, 2009).

A metodologia dos mapas vivenciais leva em conta a produção das pessoas em meio aos espaços já existentes da história humana. Discussão que se aproxima muito do conceito de espaço na Geografia:

[...] devemos procurar entender o espaço como resultado de uma dinâmica e, então, dar condições ao aluno para que se situe neste processo. Deve-se reconhecer que é possível construir o espaço, e que a forma como ele se apresenta,

⁷ GRUPEGI é a sigla do grupo de pesquisa coordenado pelo prof. Jader Janer Moreira Lopes da UFF e da UFJF. É um grupo de pesquisa e estudo, como o nome próprio dela já diz que se dedica aos estudos da Geografia da Infância. O prof. Jader Janer é um dos primeiros pesquisadores que se dedicaram a este campo de pesquisa no início dos anos 2000. Segue o endereço do blog do grupo para maiores informações: <http://geografiadainfancia.blogspot.com/>

no momento atual, é o resultado da história de quem vive nele e como vive nele. Vai daí que se torna necessário perceber que é possível construir o espaço em que se vive. Que ele é a aparência do resultado da luta dos homens pela sobrevivência num determinado lugar e num determinado tempo. (KAERCHER, 1999, p.69)

O modo de interpretar os dados dos mapas vivenciais busca uma dialogia entre pesquisador e pesquisados sobre a produção final, não categorizando os achados de campo em unidades de pesquisa cujo controle se concentra na mão do investigador, mas na tentativa de encontrar a singularidade da relação entre sujeitos e espaço, como condição irrepetível do conhecimento humano. (BAKHTIN, 1979).

Há algumas pesquisas no campo da psicologia e da cartografia com o uso da metodologia dos mapas vivenciais. O professor Reinaldo Lima (2014) construiu um mapa vivencial do centro da cidade de Areal. Este município de pouco mais de 11 mil habitantes pertencente a região centro-sul fluminense. Uma informação importante sobre esta cidade é que ela não se encontra presente em nenhum mapa oficial (LIMA, 2014). Uma das justificativas pela ausência da sua representação é porque vivemos numa cultura cartográfica em que órgãos e instituições estatais privilegiam a produção de mapas com escalas pequenas com o objetivo de tentar apreender graficamente o todo. Portanto, deixa de lado o micro, os pormenores espaciais e os detalhes da realidade. Para pensarmos sobre isso, vamos discutir um pouco o conceito de escala.

Primeiro, a escala cartográfica é uma relação de proporção matemática entre a realidade e a representação. Todo o mapa oficial é uma representação reduzida da realidade. A diferença conceitual entre escala pequena e grande aparece descrita na figura 2 do texto:

Figura 2 – Mapa do Brasil em escala pequena e mapa do Estado do Rio de Janeiro em escala grande



Fonte: <https://adenilsongiovanini.com.br/blog/escala-cartografica-o-que-e-e-como-calculiar/>

O mapa do Brasil, representado na figura 2, se encontra numa pequena escala. O que isto representa? Cada “pedaço” do Brasil foi reduzido 25.000.000 vezes para estar dentro de um mapa. É um tipo de mapa que tem o objetivo de representar o espaço por inteiro, sem a preocupação com suas devidas partes. No caso desse mapa, os pedaços são representados pelos estados e municípios da união. O mapa do Estado do Rio de Janeiro segue outro caminho em sua representação cartográfica. Ele apresenta uma escala grande comparado ao do Brasil numa redução de 4.000.000

vezes em relação ao seu espaço real. O principal objetivo dessa representação é destacar os micros-espacos.

Além do município de Areal não estar presente em um mapa oficial próprio, por ser um micro espaço, sobreposto e escondido pelas regiões do Estado do Rio de Janeiro, Sudeste e Brasil; não tem representação espacial que dê conta da vivência dos sujeitos que ali habitam o determinado (micro)espaço. Lima (2014), com o intuito de dar conta dessas demandas, selecionou um grupo de alunos do primeiro seguimento de uma escola municipal e outra particular de Areal, para discutir a construção de um mapa do centro da cidade (figura 3).

Figura 3 - Mapa vivencial do centro da cidade de Areal



Fonte: LIMA (2014)

A base de dados cartográficos do mapa vivencial do centro de Areal foi obtida através do programa *google maps*; como já discutido anteriormente, a cidade de Areal não aparece no mapa oficial. A metodologia adotada por Lima (2014) corrobora com os pressupostos da teoria histórico-cultural de tentar mapear a autoria humana por dentro das entranhas do já existente, do que já se encontra posto. Por isso, buscou-se alguma base de informações cartográficas, que já foram catalogadas (*google maps*), fugindo da ideia dos mapas (mentais) imaginativos.

Os adultos, que moravam no centro de Areal, também fizeram parte da pesquisa. Esta consulta foi relevante para comprovar uma hipótese de investigação: dependendo do grupo, classe ou estrutura etária; observamos o mundo de maneiras distintas.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO DOS DADOS

Entendendo que toda metodologia é formada por um conjunto de técnicas e estratégia que dão conta de realizar uma pesquisa; elaboramos determinados procedimentos com vistas à articulação do que estudamos até o momento, sobre a teoria da vivência e a prática de mapear.

A partir de uma experiência em que coordenamos uma oficina num evento acadêmico no ano de 2016⁸, desenvolvemos uma metodologia de trabalho, fazendo uso dos mapas vivenciais. A oficina tinha como objetivo introduzir um debate sobre a representação das imagens no ensino de Geografia. Uma das atividades propostas foi elaborar mapas vivenciais do bairro de Jacuecanga com a participação de alunos do ensino médio da rede estadual de Angra dos Reis e dos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia da UFF/Angra. Apresentamos o mapa do bairro de Jacuecanga, onde se localiza o campus da UFF de Angra dos Reis, para que os alunos, divididos em grupos, cartografassem as suas vivências naquele espaço.

Figura 4 - Mapa vivencial de Jacuecanga/Angra dos Reis confeccionado pelos alunos da UFF que residem na região metropolitana do Rio de Janeiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

A base do mapa é formada por uma imagem retirada do programa *google maps* do bairro de Jacuecanga sob uma prancha de papel vegetal. A atividade consistia em que cada grupo desenhasse suas vivências no referido espaço. Depois dos desenhos, fizemos um debate para que os grupos justificassem suas escolhas e preferências nos mapas.

⁸ O evento acadêmico se chama Semana do IEAR. Acontece todo o ano no segundo semestre na UFF/Angra dos Reis.

O mapa vivencial, representado na figura 4, foi o que mais chamou a nossa atenção. Não foi porque os autores do desenho deram maior visibilidade à universidade em meio a paisagem de Jacuecanga. Isto todos os grupos de certa forma o fizeram. Os alunos apresentam uma rotina de estudos, pesquisa e participação nas aulas do instituto de segunda a sexta em diferentes turnos. Os alunos estão sempre muito presentes no cotidiano da universidade. A representação da Rodovia Rio-Santos apareceu presente nos mapas vivenciais dos grupos. Grande parte dos grupos contornou a rodovia Rio-Santos, mais especificamente o trecho da então BR-101, que liga os municípios do Rio de Janeiro aos do Estado de São Paulo. Pensávamos que todos os grupos responderiam que o motivo da opção pela rodovia seria porque ela liga a cidade de Angra ao Rio de Janeiro. Mas não foi bem isso que aconteceu.

O grupo, que se tornou objeto da nossa pesquisa, era formado por 5 alunos que moram na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, principalmente, na própria capital, ou seja, há aproximadamente 170 km de distante do campus de Angra da UFF. São alunos que passa a semana inteira em Angra, exceto aos finais de semana, feriados e férias, em que eles retornam para as suas residências. Muitos alunos, assim como esse grupo, moram em repúblicas, alugando quartos que são vizinhos à universidade. Relação semelhante a maioria dos professores dessa mesma instituição. Muitos deles não residem “oficialmente” na cidade de Angra dos Reis, inclusive os proponentes da pesquisa.

O autor da pesquisa já tinha a resposta pronta para a referência sobre a rodovia Rio-Santos no mapa vivencial daquele grupo. O motivo da escolha parecia nítido; quem mora no Rio de Janeiro destaca a rodovia, porque ela interliga a cidade de Angra à região metropolitana do Rio de Janeiro. Este trecho rodoviário faz parte da vivência dos pesquisadores do estudo, que muito se assemelha daquele determinado grupo de alunos. Qual foi o erro de interpretação cometido pelos autores do estudo? A vivência é uma relação singular do sujeito, em que ninguém pode vivê-la por ele. O dado, que fugiu do controle dos pesquisadores, é que todos os grupos, inclusive o representado pela figura 4, responderam que usam a rodovia Rio-Santos para chegarem ao centro de Angra. O centro da cidade é um bairro que apresenta comércio, bares e áreas de lazer mais pujantes que o bairro de Jacuecanga.

CONCLUSÃO

Este ensaio apresenta um recorte teórico-metodológico da vasta obra de Vigotski. Pretendíamos trazer para o debate acadêmico uma das versões sobre a visão interacionista da teoria de Vigotski. Acreditamos que esta forma de compreender a teoria encapsulou o pensamento desse autor, tanto no seu país de origem, como nas traduções de seus textos para o mundo ocidental. Portanto, apresentamos a história das traduções do conceito de *perejivanie* em português e propusemos um renovado debate à luz da unidade dos conceitos vigotskiano em prol do desenvolvimento de um novo conhecimento sobre a palavra *perejivanie*.

Os limites do texto apontam para a necessidade de deixarmos a zona de estabilidade em que se encontra o significado da palavra vivência, dentro do pensamento de Vigotski. Para o pensador bielorrusso, significado e sentido, não querem dizer a mesma coisa. “O sentido da palavra é sempre complexo e possui várias zonas de estabilidade diferente. O significado é somente uma das zonas daquele sentido que a palavra adquire no contexto de alguma fala e, além do mais, uma

zona mais estável, mais unificada e precisa.” (1999, p. 328, apud PRESTES, 2010, p.81). Afinal, qual é o objetivo deste estudo? Buscar um novo sentido para a palavra “vivência” em que possamos ao mesmo tempo compreender e transformar a realidade que está a nossa volta. Por isso, defendemos que o tratamento de dados precisa estar alinhado com o contexto de elaboração da pesquisa. No caso do estudo supracitado no texto, desenvolvemos a metodologia dos mapas vivenciais, por acreditar que as narrativas produzidas pelos sujeitos de pesquisa complementam o que já por eles foram registrados nos mapas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich et al. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria de Vigotski. Campinas: Editora Autores Associados, 2004.

FRÉMONT, Armand. **La région, espace vécu**. Presses universitaires de France, 1976.

GOODNOW, Jacqueline. **Desenho de crianças**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

KAERCHER, Nestor. **A Geografia é o nosso dia a dia**, 1999. In.: KAERCHER, Nestor *et al* (Org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: UFRGS, 1999, pp. 11-21.

LEONTIEV, Aleksei Alekseevitch (org). **Slovar L.S. Vigotskogo**. Moska: Smisl, 2007.

LIMA, Reinaldo José. Tem que estar no mapa porque faz parte do mundo: cartografia com crianças em Areal. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1969.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Educação como Exercício de Diversidade, p. 61, 2005

PRESTES, Zoia Ribeiro. Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotsli no Brasil – Repercussões no campo educacional, 2010, 295f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Strukturen der Lebenswelt**. UTB GmbH, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Difel, 1980.

VIGODSKAIA, Guita Lvovna e LIFANOVA, Tamara Mirrailovna. **Lev Semionovitch Vigotski**: jizn, deiatelnost. chtrirri K portretu. Moscou: Smisl i Smisl, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch **Imaginação e Criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática. 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas**. Tomo IV. Madri: Machado Libros. 2006a.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Paulo Bezerra.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas**. Tomo V. Madri: Machado Libros, 2006b.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Edições Antídoto, 1979. Tradução do inglês de M. Resende.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987, 194p.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Quarta aula**: a questão do meio na pedologia. Psicologia USP, São Paulo, 2010.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.